

APRENDENDO PORTUGUÊS COM TEXTOS DE HUMOR

Claudia Moura da Rocha (UERJ)

claudiamoura@infolink.com.br

Darcilia M. P. Simões (UERJ)

www.darciliasimoes.pro.br

1. Considerações iniciais

É notória a crise por que passa o ensino em nosso país. Ensino que não corresponde às expectativas dos alunos, da sociedade nem dos professores. Os alunos queixam-se do distanciamento entre conteúdos ensinados e a vida prática; a sociedade endossa as queixas dos primeiros, uma vez que necessita de mão de obra especializada e preparada para trabalhar com as novas tecnologias; os professores, conscientes dessas novas demandas, nem sempre conseguem “atrair” o interesse dos alunos para suas aulas. Há ainda um agravante em relação a essa situação: apesar de todo o desenvolvimento tecnológico alcançado pela sociedade, o ensino ainda se dá, nos mesmos moldes tradicionais de um ou dois séculos atrás.

Em relação ao ensino de língua portuguesa, a situação pouco difere do que foi anteriormente exposto. Professores se queixam de que é cada vez mais difícil ensinar a alunos desmotivados, desinteressados, que consideram o conteúdo apresentado distante de sua realidade e de suas necessidades. Outro fator age como complicador dessa situação: a distância existente entre a língua falada em casa, nas ruas, ouvida na televisão e no rádio e a ensinada na escola mostra-se um grande obstáculo para esses alunos. Isso só vem a reforçar o importante papel exercido pela escola no ensino da língua-padrão: é ela a responsável por proporcionar esse acesso, oferecendo aos alunos meios de inclusão social.

Em vista desse panorama nada alentador, mudanças vêm sendo implementadas a fim de despertar o interesse dos educandos, aproximando o ensino de língua portuguesa da realidade. Passou-se a incluir a leitura de textos de diferentes gêneros textuais, muitos deles próximos da realidade do aluno (*histórias em quadrinhos, bilhetes, cartas, letras de música, piadas*) com vistas a modificar sua relação

com a própria língua. A inclusão de outros gêneros textuais, além dos literários, só veio a corroborar as descobertas dos estudos linguísticos (da Linguística Textual, por exemplo, que ampliou o conceito de *texto*), atendendo também às necessidades de uma sociedade que precisa de indivíduos que saibam lidar com os mais variados gêneros textuais existentes. Além dos gêneros textuais, a língua-padrão continua sendo ensinada nas aulas de língua materna (aliás, como deve ser, sem, no entanto, ignorarmos as outras variedades linguísticas existentes e muitas vezes faladas pelos alunos), uma vez que é ela que permite a esse aluno a participação integral na vida em sociedade.

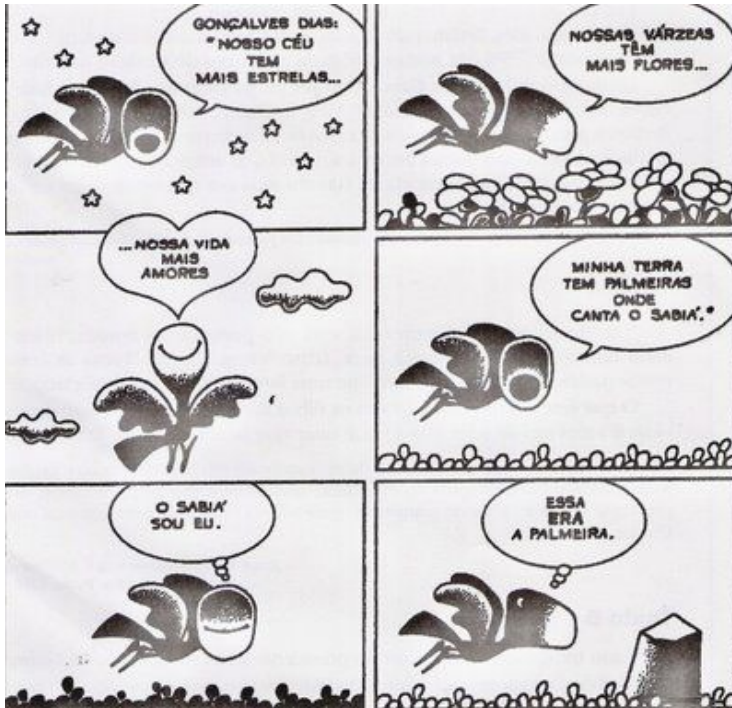
Entre os gêneros que passaram a receber mais atenção por parte de estudiosos, professores e autores de livros didáticos estão os que veiculam o humor. É muito recorrente encontrarmos em livros didáticos a presença de *histórias em quadrinhos, charges, cartuns, piadas, crônicas e contos de humor*. Por essa razão, acreditamos ser relevante estudar de que forma esses gêneros textuais podem ser trabalhados em sala de aula, seja nas atividades de leitura e interpretação, seja nas de produção textual, com especial interesse pelos recursos linguísticos empregados para fazer rir.

2. *Aprendendo português com textos de humor*

É possível aprender português por meio da leitura de textos de humor? É a essa pergunta que pretendemos responder. Os gêneros textuais de humor oferecem rico material para o professor de língua portuguesa utilizar em suas aulas, uma vez que a língua é empregada com a finalidade de fazer rir, ou seja, é usada como um recurso expressivo, não apenas como simples meio de comunicação. Procuraremos demonstrar como os recursos linguísticos (de natureza fonológica, morfológica, semântica, entre outros) presentes nos textos de humor podem ser aproveitados pelo professor em suas aulas de leitura, interpretação e produção textual.

Por uma característica intrínseca a alguns gêneros textuais de humor (aliar a linguagem verbal à não verbal), nas aulas de leitura e interpretação, por exemplo, seria interessante levar os alunos a uma

leitura desses dois aspectos, já que a compreensão textual depende de ambos. Vejamos alguns exemplos:



Disponível em:

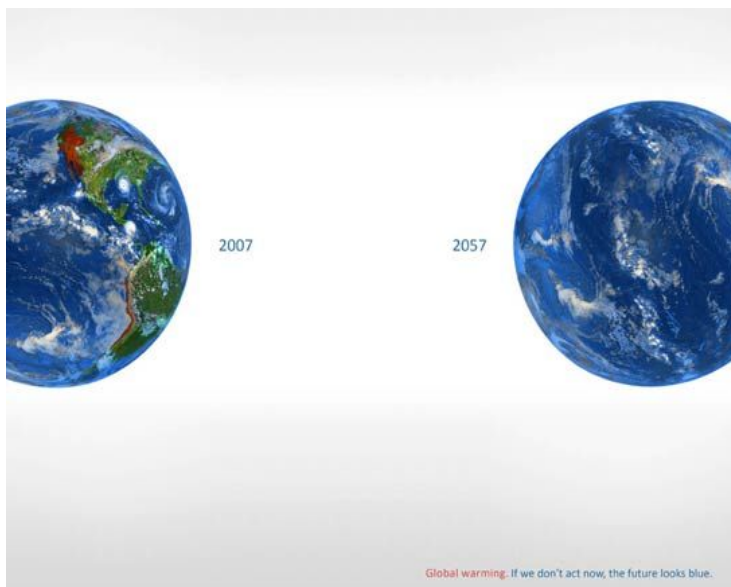
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/images/al051220006.gif>. Acesso em: 06 ago. 2009.

A história em quadrinhos de Cauly estabelece uma relação intertextual com o famoso poema de Gonçalves Dias, *Canção do Exílio*. É a linguagem verbal empregada que nos permite dizer isso. Mas é a imagem do último quadrinho (um tronco cortado) que introduz o elemento novo, produzindo, de forma irônica, uma crítica ao desmatamento. Percebe-se, por conseguinte, a importância da linguagem não verbal para a compreensão do sentido do texto.

A difusão da cultura digital, proporcionada pelo avanço tecnológico, gerou um contato mais constante do leitor com outros có-

digos não verbais, daí a necessidade de a escola não restringir sua área de atuação à linguagem verbal apenas. Simões (2009, p. 52) afirma, a esse respeito, que

Estudos e pesquisas contemporâneos voltados para o ensino da língua portuguesa têm promovido uma integração dialógica entre áreas, com vista não só ao aprofundamento da análise do sistema linguístico e de sua potencialidade estrutural, mas também à combinação de dados extraídos de áreas afins que participam dos processos discursivo-comunicativos. Estes, por sua vez, emoldurados pelos recursos digitais, vêm abrindo novas discussões em relação ao texto e à leitura. Essas discussões destacam a relevância da preparação dos sujeitos para interagir com múltiplos códigos, uma vez que a hegemonia do verbal de há muito foi quebrada pela intervenção da imagem.



Legenda: *Global warming. If we don't act now, the future looks blue.*
Aquecimento global. Se não agirmos agora, o futuro será triste (azul).

Agência: *Bhadra Communications (Índia)*. Disponível em:
www.curiosando.com.br/09/2009/anuncios-supercratiivos-semana-36-ecologicos.
 Acesso em 17/06/2010.

Esse tipo de exercício pode auxiliar na leitura de outros gêneros que reúnam as duas linguagens (verbal e não verbal) ou que se

utilizem apenas da linguagem não verbal. O que podemos perceber é que as estratégias empregadas na leitura de textos de humor podem ser utilizadas também na leitura de textos de outra natureza, como o anúncio publicitário apresentado a seguir. Nele, as informações apresentadas pelo texto e pela ilustração se complementam e, somente pela integração de ambas, é possível estabelecer o sentido do texto. O leitor precisa perceber que o jogo de palavras (possível em inglês, pois *blue* tanto pode significar *azul* como *triste*) é complementado pela imagem do planeta Terra coberto pelos oceanos (os continentes estariam submersos pelo grande volume de águas provocado pelo aquecimento global).

A leitura de textos humorísticos também permite que se explorem o duplo sentido, a ambiguidade provocada pela homonímia, pela polissemia e pela paronímia. Segundo Travaglia (1989: 60), a ambiguidade é um recurso básico no humor devido à bissociação, que “consiste em, por recursos diversos, ativar dois mundos textuais” (TRAVAGLIA, 1995, p. 43).

Vejam alguns exemplos de textos de humor, pertencentes a diferentes gêneros, que exploram esse recurso:

CONCERTO OU CONSERTO?

O português foi convidado pelo amigo brasileiro para assistir a um concerto de piano. No intervalo do espetáculo o amigo pergunta ao português:

- E aí? Está gostando do *concerto* de piano?
- O gajo toca tão bem que eu nem havia percebido que o piano estava quebrado! (AVIZ, 2003, p. 153)

O menino que chupou a bala errada

Diz que era um menininho que adorava *bala* e isto não lhe dava qualquer condição de originalidade, é ou não é? Tudo que é menininho gosta de *bala*. Mas o garoto desta história era tarado por *bala*. Ele tinha assim uma espécie de ideia fixa, uma coisa assim... assim, como direi? Ah... creio que arranjei um bom exemplo comparativo: o garoto tinha por *bala* a mesma loucura que o senhor Lacerda tem pelo poder.

Vai daí um dia o pai do menininho estava limpando o revólver e, para que a arma não lhe fizesse uma falseta, descarregou-a, colocando as

balas em cima da mesa. O menininho veio lá do quintal, viu aquilo ali e perguntou pro pai o que era.

– É *bala* – respondeu o pai, distraído.

Imediatamente o menininho pegou diversas, botou na boca e engoliu, para desespero do pai, que não medira as consequências de uma informação que seria razoável a um filho comum, mas não a um filho que não podia ouvir falar em *bala* que ficava tarado para chupá-las.

Chamou a mãe (do menino), explicou o que ocorrera e a pobre senhora saiu desvairada para o telefone, para comunicar a desgraça ao médico. Esse tranquilizou a senhora e disse que iria até lá, em seguida.

Era um velho clínico, desses gordos e bonachões, acostumados aos pequenos dramas domésticos. Deu um laxante para o menininho e esclareceu que nada de mais iria ocorrer. Mas a mãe estava ainda aflita e insistiu:

– Mas não há perigo de vida, doutor?

– Não – garantiu o médico: – Para o menino não há o menor perigo de vida. Para os outros talvez.

– Para os outros? – estranhou a senhora.

– Bem... – ponderou o doutor: – O que eu quero dizer é que, pelo menos durante o período de recuperação, talvez fosse prudente não apontar o menino para ninguém. (PRETA, 2003, p. 89-90)

O primeiro texto, uma piada, explora a homonímia *conser-to/concerto*, reforçando o estereótipo de que portugueses são pouco inteligentes. É a interpretação equivocada do personagem lusitano que é responsável pela graça da piada.

No segundo texto, uma crônica de Stanislaw Ponte Preta, é explorada a polissemia do vocábulo *bala*. Quando o filho e o pai conversam, cada um aciona um significado diferente da palavra *bala*, e é esse desencontro entre as expectativas de cada um que gera o equívoco entre os dois.

Apresentamos também o anúncio de um veículo que se valia da polissemia do termo *perua* para provocar o cômico. O termo em questão tanto pode se referir a uma mulher que se veste de forma es-palhafatosa, mas que acredita ser elegante, como pode ser uma designação regional (mais especificamente de São Paulo) para caminhonete ou *van*. Há também o trocadilho com o substantivo próprio

Besta, nome do veículo, e *besta*, indivíduo ignorante ou pouco inteligente.

Um homem vinha dirigindo
uma Besta por uma estrada quando
foi parado por um guarda.

O guarda se aproximou e pediu:
“Por favor, o documento da Besta.”

O motorista levou a mão ao bolso
e tirou sua carteira de identidade.

“Não”, disse o guarda,
“eu quero os papéis da perua”.

Aí, o homem virou para a mulher e
falou: “Ah, é o seu documento
que ele está pedindo, querida”.

Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah...

Kia.

Besta. Só um veículo tão inteligente consegue rir de si mesmo.

(Veja, 31/08/1994)

Há muitos exemplos de anúncios publicitários que empregam o humor como estratégia para atrair a atenção do público, além de cativá-lo. No exemplo a seguir, encontramos dois vocábulos (*pêssego* e *amora*) que estabelecem uma relação paronímica com duas palavras em ausência (*preço* e *agora*), remetendo a famosos *slogans* de anúncios de cartão de crédito. O emprego dos parônimos acaba produzindo um enunciado ambíguo. Ao trabalhar esse texto, o professor também pode fazer referência à função distintiva que os fonemas apresentam, o que ocorre com o par de palavras *amora/agora*.

mp

20 HORTIFRUTI
ANOS

Dias para pagar: **40**

Cartões adicionais grátis: **2**

Datas disponíveis
para vencimento: **12**

Anúncio com trocadilho
para o Cartão Natural:
não tem pêssego

Faça já o seu Cartão Natural.
Porque a vida é amora

000 0000 0000
FELIPE A TORRES

hortifruti.com.br

Disponível em:

www.mppublicidade.com.br/image.php?url=trabalhos/original/517.jpg&type=img

Acesso em 18/06/2010.

Os mesmos fenômenos podem ser encontrados em poemas, letras de música, por exemplo, o que corrobora a ideia de que a leitura de textos de humor desenvolve habilidades de leitura requeridas

por outros textos. Para interpretar a letra de música *Metáfora*, de Gilberto Gil, é necessário que o leitor perceba o jogo de palavras feito com os vocábulos *meta* e *lata*. O texto explora a relação homonímica entre *meta* (objetivo que se almeja; substantivo) e *meta* (atribuir a si condição ou competência que não possui; imperativo do verbo *meter*). Em relação à palavra *lata*, o eu lírico reconhece que ela pode vir a adquirir outros sentidos num poema, podendo tornar-se polisêmica (“Mas quando o poeta diz: “Lata”/Pode estar querendo dizer o incontível”)

Metáfora

Gilberto Gil

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: “Lata”
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: “Meta”
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

É possível perceber que, ao analisarmos os textos anteriores, nossa atenção se voltou para determinados itens lexicais que, à maneira de pistas, foram conduzindo o leitor no seu processo de construção do sentido do texto. Essas pistas funcionam com ícones ou índices (cf. SIMÕES, 2009, p. 86-88), que vão sendo identificados pelo leitor, oferecendo-lhe um (ou mais de um) caminho na interpretação de um texto. No caso do texto de humor, que muitas vezes se calca no duplo sentido, na ambiguidade, os ícones e índices se caracterizam por, propositalmente, serem desorientadores (cf. SIMÕES, 2009, p. 96-98), oferecendo mais de uma possibilidade de interpretação.

Outro fenômeno muito explorado pelos textos de humor e que pode ser trabalhado com os alunos é a dêixis. Os dêiticos são elementos que adquirem sua significação de acordo com o contexto, dando, muitas vezes, margem a equívocos decorrentes da dupla interpretação, como o que ocorre na tirinha apresentada a seguir.

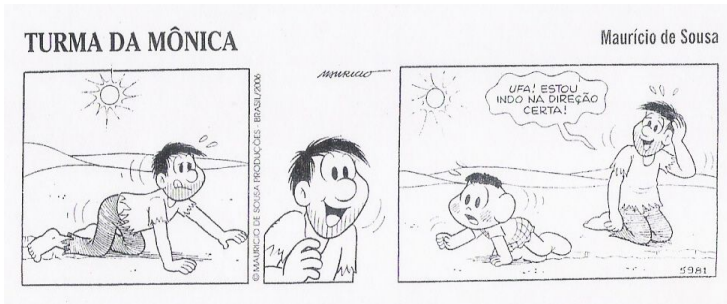


O Globo, 12/07/2006

O vocábulo *aqui* não indica o mesmo referente para Eddie Sortudo e para Hagar, pois cada um o emprega pensando num lugar diferente. Para Hagar, sua pergunta é uma espécie de indagação filosófica e *estar aqui* pode se referir tanto a ainda estar vivo daqui a duas semanas ou a permanecer naquela cidade, sem estar viajando (os vikings são conhecidos por viajarem pelos mares em busca de riquezas). Eddie Sortudo, personagem considerado tolo, pouco inteligente, interpreta *aqui* como sendo o bar. Rimos da sua falta de compreensão acerca do que o amigo disse, pois não percebe que seria impossível permanecerem no bar por tanto tempo; seu amigo só poderia estar se referindo à sua permanência no plano terrestre (estar vivo) ou naquela cidade (não estar viajando).

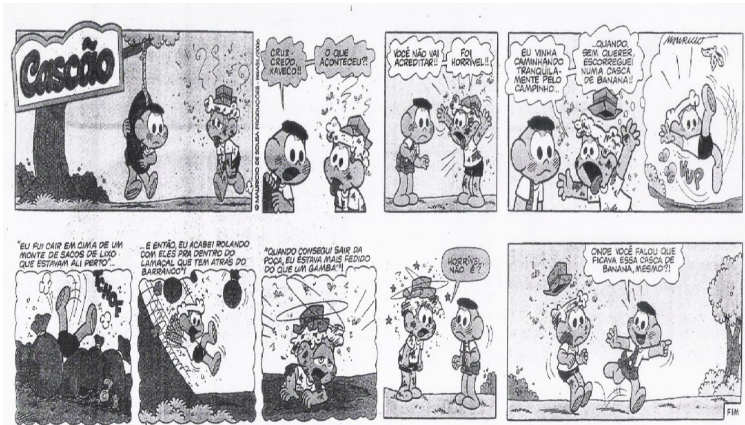
A presença de implícitos, subentendidos também é recorrente em textos humorísticos. Essas lacunas precisam ser “preenchidas” para que o texto faça sentido e, para isso, o leitor precisa acionar vários tipos de conhecimento, entre eles o de mundo e o linguístico. O mesmo tipo de habilidade (saber empregar variados tipos de conhecimento) também é requerido na leitura de outros gêneros que não sejam humorísticos.

Na tira a seguir, o leitor necessita acionar seu conhecimento de mundo (saber o que é um deserto, como são o clima e a temperatura nesse ambiente) e seu conhecimento sobre o personagem da história em quadrinhos em questão (no caso, Cascão, da *Turma da Mônica*, que tem ojeriza à água) para compreender o texto. Note-se que há apenas um balão de fala (“Ufa! Estou indo na direção certa!”) e para compreender a tirinha é necessário, além de observar as ilustrações, levar em consideração informações que não estão explicitadas no texto (o fato de o personagem ter aversão à água). Dessa forma, é possível interpretar o texto: Cascão não gosta de tomar banho e foge de água (indo em direção contrária a ela), portanto o sobrevivente do deserto estaria indo na direção certa.



O Globo, 13/07/2006

Para compreender a próxima história em quadrinhos, do mesmo personagem, é necessário que o leitor acione os mesmos conhecimentos a fim de entender que somente alguém com aversão à água gostaria de escorregar em uma casca de banana e se sujar todo. Notamos a importância da ilustração (demonstrando como Xaveco, o amigo de Cascão, ficou sujo; como ocorreu a queda; como a fisionomia de Cascão é de satisfação ao vislumbrar a possibilidade de se sujar da mesma forma), da linguagem verbal, mas, assim como ocorre na tira anterior, é preciso suprir lacunas, ler os subentendidos, as informações implícitas no texto para compreendê-lo.



O Globo, 08/07/2006

No tocante às atividades de produção textual, podemos mostrar aos alunos como os tipos textuais (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155) ou modos de organização do texto (OLIVEIRA, 2007, p. 81) contribuem para a construção do texto humorístico. Nas piadas e nas histórias em quadrinhos, por exemplo, costuma predominar o tipo narrativo. No entanto, também é possível encontrarmos passagens desses textos em que se verifica a presença de outros tipos textuais, como o descritivo, por exemplo.

Ex-surdo

Após anos praticamente surdo, um homem compra um aparelho auditivo moderno, quase invisível, e volta ao consultório do médico, que lhe pergunta:

- E então? Gostou da compra?
- Sem dúvida. Ouvi uns sons nas últimas semanas que nem imaginava que existissem.
- Muito bom. E sua família? Também gostou da novidade?
- Ah! Ninguém em casa sabe que eu tenho o aparelho. E está sendo ótimo. Só este mês resolvi mudar meu testamento pelo menos três vezes!

(AVIZ, 2003, p. 86-87)

Na piada transcrita anteriormente, percebemos que predomina o tipo textual narrativo, mas notamos a presença de trechos de cunho

descritivo, importantíssimos para a construção do humor da piada. O trecho “após anos praticamente surdo” serve para caracterizar o personagem principal da piada como alguém que tem sérios problemas de audição. Essa informação faz o leitor (ou o ouvinte) da piada acionar seu conhecimento de mundo sobre o assunto; seu conhecimento sobre o gênero textual *piada* lhe permite elaborar hipóteses sobre o que poderá acontecer na narrativa. O outro trecho descritivo “um aparelho auditivo moderno, quase invisível” é que será fundamental para o texto ser engraçado. Como o aparelho é quase imperceptível, os parentes do personagem nem notaram a melhora de sua audição. A graça reside no fato de que o homem passou a ouvir tudo o que seus parentes diziam, sem que estes soubessem.

O professor pode solicitar a seus alunos que, após a leitura de textos humorísticos, procurem identificar os tipos textuais nele presentes, qual tipo costuma predominar em cada gênero, que recursos linguísticos são mais encontrados em cada tipo textual (por exemplo, verbos no pretérito, no tipo narrativo; adjetivos e locuções adjetivas, no descritivo; verbos no imperativo, no injuntivo). Seria interessante solicitar aos alunos que fizessem o mesmo com outros textos que não pertencessem ao universo humorístico, o que lhes permitiria comparar os empregos dos tipos textuais em textos de gêneros diferentes. A partir do reconhecimento dos tipos e de suas características, podemos pedir ao aluno que escreva o seu próprio texto (de humor ou não), empregando os tipos textuais mais adequados ao gênero escolhido e, conseqüentemente, a seu propósito comunicativo.

3. *Considerações finais*

A melhor maneira de se aprender uma língua é por meio do seu uso, quer falando ou ouvindo, quer lendo ou escrevendo. Então seria possível aprender português por meio da leitura de textos de humor? Acreditamos que sim, pois os textos de humor oferecem material sobre a língua portuguesa em uso. Por meio dos exemplos arrolados anteriormente, pudemos identificar os recursos linguísticos sendo empregados com a finalidade de provocar o riso. Ao trabalharmos o texto de humor em sala de aula, permitimos ao aluno que reconheça outra finalidade para seu idioma que não seja a comunica-

tiva. Além disso, demonstramos como a língua é uma enorme fonte de recursos expressivos, que podem ser empregados ora para fazer rir, ora para emocionar; ora para argumentar, ora para informar. Cabe ao professor ampliar o repertório de textos lidos por seus alunos, permitindo-lhes o acesso aos mais variados gêneros textuais, incluindo-se, nesse caso, os textos humorísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVIZ, Luiz (Org.). *Piadas da internet para crianças espertas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Gêneros textuais e conceitos afins: teoria. In: VALENTE, André (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

PRETA, Stanislaw Ponte. *Gol de padre e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2003.

SIMÕES, Darcilia. *Iconicidade verbal. Teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. In: *Estudos linguísticos e literários*, v. 5 e 6, 1989, p. 42-79.

_____. Homonímia, mundos textuais e humor. In: *Organon*, v. 9, 1995, p. 41-50.